



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

TAMIRES MARIA DE MOURA

**MUDANÇAS NA CIDADE FRANCISCO SANTOS APÓS SUA EMANCIPAÇÃO
POLÍTICA (1950-1980)**

TAMIRES MARIA DE MOURA

**MUDANÇAS NA CIDADE FRANCISCO SANTOS APÓS SUA EMANCIPAÇÃO
POLÍTICA (1950-1980)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do título de graduado em história.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

Eu, **Tamires Maria de Moura**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 25 de setembro de 2013.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M929m Moura, Tamires Maria de.
Mudanças na cidade de Francisco Santos após sua emancipação política (1950 – 1980) / Tamires Maria de Moura. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (49 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Prof. Msc. Francisco Gleison da Costa Monteiro

1. História Oral. 2. Francisco Santos - PI. 3. Cidade. I. Título.

CDD 981.812 2

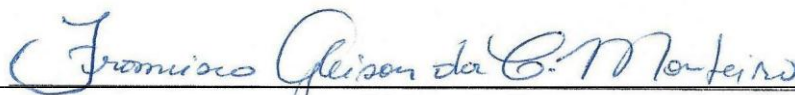
TAMIRES MARIA DE MOURA

**MUDANÇAS NA CIDADE FRANCISCO SANTOS APÓS SUA EMANCIPAÇÃO
POLÍTICA (1950-1980)**

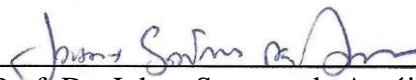
Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em História, do Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros,
pertencente à Universidade Federal do Piauí.
Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da
Costa Monteiro.

Aprovada em 23 / 09 / 2013

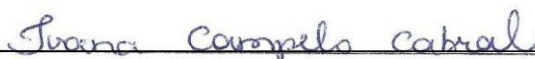
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms Francisco Gleison da Costa Monteiro
Universidade Federal do Piauí - CSHNB
(Orientador)



Prof. Dr. Johny Santana de Araújo
Universidade Federal do Piauí-CSHNB
(Examinador Interno)



Profa: Ivana Campelo Cabral
Universidade federal do Piauí
(Examinadora Externa)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram neste trabalho, aos que se dispuseram a lê-lo e me ajudar com suas opiniões e conselhos, criticando-o quando necessário, e de alguma forma me ajudando.

Agradeço principalmente aos meus entrevistados, que sempre se dispuseram a me ajudar, e foi principalmente através da ajuda deles e de sua disponibilidade que consegui terminar este trabalho. Muito Obrigada a você Rosa Isaura por todo tempo e documentação que me cedeu; Ao senhor Antônio Borges de Moura, Rosa Araújo, Rosa dos Santos Rodrigues pelos depoimentos e ajuda em todos momentos.

Em especial agradeço ao Professor Francisco Gleison da Costa Monteiro, que sempre esteve presente tirando minhas dúvidas e me aconselhando, mostrando assim o melhor caminho para a materialização dessas páginas.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visa abordar as práticas de lazer e costumes que se intensificaram através da emancipação política de Francisco Santos- PI, ocorrida em 1960, bem como algumas consequências nos aspectos físicos e econômicos da cidade. As análises centram-se no período de 1950 á 1980, e busca-se entender as experiências dos sujeitos (homens e mulheres) a partir da metodologia da história oral e da memória, com relatos de habitantes que viveram no período abordado.

Palavras –chaves: Francisco Santos; Cidade ; História Oral

ABSTRACT

This work of completion targets the leisure practices and customs that intensified through the political emancipation of Francisco Santos-PI, which occurred in 1960, as well as some consequences on the physical and economic city. The analyzes focus on the period from 1950 to 1980, and seeks to understand the experiences of individuals (men and women) using the methodology of oral history and memory, with reports of people who lived in the period covered.

Keywords: Francisco Santos; City; Oral History

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Localização do município de Francisco Santos no Brasil e no Piauí.....	13
FIGURA 02: Imagem aérea de Francisco Santos – PI.....	14
FIGURA 03: Coronel Francisco de Sousa Santos.....	23
FIGURA 04: Trabalhador franciscossantense conhecido como João cotovelo realizando a colheita da raiz de mandioca.....	36
FIGURA 05: Mulheres lavando a massa da goma em uma farinhada.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 POVOAMENTO E EMANCIPAÇÃO DO MUNÍCIPIO DE FRANCISCO SANTOS-PIAUI.....	12
1.1 O Povoamento, localização e modo de vida jenipapeirense.....	12
1.2 O processo de emancipação do município.....	20
2 DOS ARES DA ZONA RURAL PARA A ZONA URBANA.....	32
2.1 A vida urbana: “novos” costumes.....	38
2.2 Formas de divertimento em Francisco Santos.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
FONTES E REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática as mudanças ocorridas no município de Francisco Santos, estado do Piauí, após sua emancipação política em 24 de dezembro de 1960, tendo como recorte temporal o período de 1950-1980. Seu principal objetivo é mostrar algumas consequências realizadas após a autonomia política da cidade, pretendendo com isso trazer mais informações escritas sobre a história do município.

“Quero que as gerações atuais conheçam melhor o seu passado para reconhecer nele o rico legado dos que as procederam” (SILVA NETO, 1985). Ao deparar-me com essas palavras do professor Mariano da Silva Neto, filho ilustre da nossa terra, em seu livro: “O município de Francisco Santos- Estudo e Memória”, o primeiro escrito sobre a cidade, vi meus sentimentos refletidos nelas, pois pretendo deixar algo escrito sobre o passado da minha cidade mostrando informações importantes que aconteceram neste município.

E não poderia utilizar outro campo de escrita para este trabalho de conclusão do curso de história senão sobre a história deste município em que nasci e resido até hoje, local onde acompanhei algumas de suas mudanças e crescimento tanto na sua estrutura física como econômica, além de várias lembranças familiares sobre as transformações ocorridas. Porém, ao desenvolver este trabalho percebe-se que as principais mudanças aconteceram sobre tudo no período de 1950 á 1980, recorte temporal deste trabalho de conclusão de curso.

Justifica-se, sobretudo, devido ao pequeno número de registros escritos sobre a cidade, principalmente sobre a emancipação política do município e os costumes que foram se modificando após este período. Pretende-se assim trazer algumas informações, deixando-as escritas para que futuramente possam ser debatidas e analisadas como um registro histórico.

É um tema de fundamental importância para história por que contempla a trajetória de acontecimentos e mudanças na vida de um povo. Toda informação é um avanço nas várias áreas do conhecimento, e a partir deste trabalho pretende-se fazer uma junção de fatos para que posteriormente possam ser discutidos e ajudem no surgimento de novos trabalhos, pois:

A história da humanidade é uma somatória de avanços em todas as áreas do conhecimento este que o homem busca para explicar a vida, prolongá-la e usufruí-la com confronto e felicidade procurando sempre superar os problemas que afligem a humanidade. (...) Nessa perspectiva, e considerando a imensidão da história da humanidade, a pesquisa que aqui desenvolvo seguiu com a intenção de fazer a junção dos fragmentos de um pequeno

episódio em uma pequena cidade, sem a pretensão de colocar a verdade absoluta. (LOCKS, 2005, p. 7).

Este trabalho foi realizado a partir de pesquisas de alguns livros que tratam da história do município como: “Francisco Santos é Assim” da professora Rosa Isaura Santos, “Jenipapeiro – A terra dos Espritados” de João Bosco Silva; “O município de Francisco Santos - estudo e memória”, de Mariano da Silva Neto; blogs, sites, atas pertencentes a câmara municipal de Francisco Santos, o documentário “História e origem do município de Francisco Santos” e, juntamente com essa documentação, relatos dos moradores mais antigos do município, encontra-se também neste trabalho imagens como ilustração.

A principal metodologia utilizada foi a História Oral, bem como algumas fotografias retiradas de sites, livros e do documentário e consulta documental a registros escritos.

Pretendendo também trazer informações ao leitor sobre as transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas na cidade de Francisco Santos-PI, a partir de sua Emancipação política outorgada pela lei 1.993 de 09 de setembro do ano de 1960 e instalada oficialmente em 24 de dezembro do mesmo ano, desmembrando seu território dos municípios de Picos e Jaicós. Até então o município era conhecido como Fazenda Jenipapeiro, devido à grande quantidade da planta de mesmo nome encontrada na região. “Criado o município, mudou-se o topônimo de Jenipapeiro para Francisco Santos em homenagem ao coronel Francisco de Sousa Santos, talvez o filho mais ilustre da terra.” (SILVA NETO, 1985 p.53).

Objetiva-se aqui analisar as informações sobre a cidade, abordando o que se modificou a partir do seu processo de Emancipação e como o município se organizou politicamente. Assim, é imprescindível colocar em debate um pouco mais sobre este assunto, principalmente pelos poucos registros escritos que há sobre este processo, sendo e que este trabalho se constituirá em mais um registro e fonte de consulta para trabalhos posteriores.

Em virtude disso coloca-se em discussão a história da emancipação política da cidade, bem como as mudanças ocorridas no cotidiano da população, trazendo os pontos importantes para o povo Franciscossantense, oferecendo subsídios para que os leitores conheçam os legados deixados para a geração recente.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro intitulado de “Povoamento e emancipação do município de Francisco Santos – Piauí”, conta com dois subitens: O Povoamento, localização e modo de vida jenipaperense e O processo de emancipação do município. Neste capítulo é abordado as atividades agrícolas antes do processo de emancipação, situando e demonstrando sobre a história do município e como se deu o processo de autonomia política, a escolha do nome da cidade, a importância do alho na

economia, entre outros. Também faz uma reflexão sobre como era a cidade antes e após emancipação, demonstrando como ocorreu o processo de povoamento, a vinda dos primeiros e um pouco sobre a cultura destes habitantes.

Especificamente no primeiro subitem trata-se sobre o povoamento da cidade, as origens das primeiras pessoas que ocuparam as terras do até então povoado de Picos, Jenipapeiro, a economia de base e a importância do alho neste contexto. Neste subitem também se encontra a localização do município.

No segundo subitem descreve-se mais precisamente sobre o ideário da emancipação, o que a ocasionou, quando foi implantada, as primeiras eleições e partidos políticos, e algumas obras realizadas na cidade.

No segundo capítulo “Dos ares da zona rural para a zona urbana” busca-se abordar principalmente como os habitantes da zona rural foram se mudando para a zona urbana após o processo de autonomia política da cidade, e o modo de vida destes habitantes na zona rural e na zona urbana. É também abordada a vida urbana e seus novos costumes, colocando algumas consequências ocorridas após o processo de emancipação. Ressalta-se também como as formas de lazer foram sendo modificadas a partir da emancipação política do município.

1 POVOAMENTO E EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FRANCISCO SANTOS-PIAUI

1.1 O Povoamento, localização e modo de vida jenipapeirense:

Todo município deve ter sua história pesquisada, debatida e analisada como uma forma de preservar a memória do mesmo, impedindo que fatos importantes se percam no tempo e no esquecimento à medida que os pioneiros vão envelhecendo e morrendo. Principalmente nos pequenos municípios, descrever a história é fundamental como modo de perpetuar a cada geração os valores e as origens que levaram ao surgimento da cidade que é hoje sua origem e local de moradia. Repassar costumes e tradições de modo oral é importante quando as fontes e registros escritos são mínimos, como no caso de Francisco Santos – PI, o que acarreta em perda de uma parte significativa da “cultura” e “tradições” que constituem a personalidade da população e caracterizam a cidade.

E com o intuito de registrar um pouco da história, cultura e costumes do município de Francisco Santos – PI elaborou-se este trabalho. Apesar das dificuldades encontradas na obtenção das fontes de pesquisa, que são mínimas, o desejo de investigar e registrar a história deste município foi maior. Desse modo, o principal objetivo deste estudo foi compreender as mudanças ocorridas no município de Francisco Santos - PI, após sua emancipação política (1950 a 1980), percebendo não só aspectos políticos, como também pontos econômicos e sociais que vieram junto com este processo.

Este trabalho procura descrever um pouco sobre o município de Francisco Santos – Piauí, destacando sua emancipação política ocorrida em 1960. Para melhor situar o leitor, será também abordado um pouco sobre os aspectos geográficos, história do povoamento e o modo de vida dos primeiros habitantes do povoado, que foi desmembrado da cidade de Picos - PI, até que realmente se alcançasse a autonomia política.

Para um melhor entendimento sobre a localização geográfica da cidade de Francisco Santos, foco deste trabalho, logo abaixo têm-se mapas que auxiliam na compreensão da localização do município no território piauiense.

FIGURA 01: Localização do município de Francisco Santos no Brasil e no Piauí.



FONTE: <http://fcosantospa.blogspot.com.br/>

Segundo o autor João Bosco Silva em seu livro “Jenipapeiro – A terra dos espiritados”, o município Francisco Santos é servido pelas BR 316 e BR 020, estando situado na microrregião dos Baixões agrícolas piauienses, localizado no centro leste do Estado que tem como polo a cidade de Picos-PI. A sede do município fica a 360 km da capital Teresina, e a 50 km de Picos. A cidade possui uma área de 569,502 km², e uma população de 8.619 habitantes. A cidade leva esse nome em homenagem ao coronel Francisco Santos, um dos primeiros políticos da região (SILVA, 2010).

Francisco Santos situa-se na macrorregião de Pio IX-PI, porém possui pouca ou nenhuma questão comercial com Pio IX, sendo que este pertencimento é mais uma questão geográfica do que econômica. Limita-se geograficamente ao Sul com Jaicós e Geminiano, ao Norte com Pimenteiras, ao Leste com Campo Grande do Piauí e Monsenhor Hipólito e ao Oeste com Santo Antônio de Lisboa. É banhado pelo Rio Riachão um rio temporário que nasce em Pio IX, possui um clima semiúmido e quente (SILVA, 2010).

FIGURA 02: Imagem aérea de Francisco Santos - PI



FONTE: <http://fcosantospi.blogspot.com.br>

Para entendermos melhor a emancipação do município de Francisco Santos, ocorrida no ano de 1960, faz-se necessário tratar um pouco sobre sua origem, detalhando os processos que culminaram com a emancipação do povoado Jenipapeiro. Como as fontes escritas sobre o município são poucas, será utilizada principalmente ferramentas da história oral e da memória para compreender como era a vida dos primeiros habitantes, a economia na fazenda e como foi acontecendo sua modernização.

Tentando desdobrar aspectos culturais, o trabalho tem por base a história local que, segundo Samuel (1990):

A História local não se escreve por si mesma, mas, como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida. Tudo pode variar desde a escolha do tema aos os conteúdos dos parágrafos individuais. (SAMUEL, 1990, p. 237).

Assim, a partir desta perspectiva, pretende-se tratar da cidade de Francisco Santos abordando suas características de povoamento, localização, e modo de vida no antigo povoado de picos.

Trabalhar com a história local, assim como com outras metodologias, também pode ser determinada por uma maneira bem pessoal, pois a própria maneira de perguntar e as questões são um modo bem individual em que cada um aborda áreas que acreditam ter maior importância e/ou que retratam de forma mais fidedigna as especificidades próprias locais.

É muito importante trabalhar a história local, pois cada cidade tem sua importância e especificidades próprias, sendo de fundamental importância seu estudo, bem como fontes que mostrem acontecimentos importantes, trazendo assim uma melhor percepção do município, de

como os fatos vão acontecendo e originando mudanças significativas para a vida da população.

Sendo assim esta pesquisa possui grande importância, pois relata a história de um povo e as mudanças que o processo de emancipação política acarreta para a vida dos habitantes de uma região do interior dos estados do Piauí, transformações estas que de modo equivalente também ocorreram em municípios vizinhos semelhantes. Além disso, ajuda ainda a entender o presente a partir da compreensão dos fatos do passado, como as relações econômicas com o município de Picos, a organização política e ligações partidárias da cidade, os aspectos culturais que permaneceram, entre outros.

A cidade de Francisco Santos, hoje com 52 anos de autonomia política, possui vários prédios públicos como: Banco do Brasil, fórum, hospital, escolas, prefeitura, praças, creche, correios, clubes, CREAS, sindicato, postos de saúde, ponto de cultura e etc. Obras estas que foram construídas ao longo do tempo e somente a partir da emancipação política, e dessa forma pretende-se demonstrar informações que levem o leitor a entender como a cidade foi crescendo e se desenvolvendo em um grande salto a partir do ano de 1960.

Para tratar sobre o presente do município, ressaltando algumas conquistas, têm-se uma citação retirada de um documentário realizado pelo ponto de cultura da cidade denominado “Ponto de Cultura Artes da Terra” criado e inaugurado por ocasião das festividades em homenagem aos 50 anos de emancipação política do município:

Nos dias atuais Francisco Santos tem se desenvolvido social e economicamente com muitos avanços e marcos de progressos quer na saúde, na educação, no comércio, na religião dentre outros aspectos. Queremos ressaltar várias conquistas que fizeram e fazem parte da nossa história: Na cultura, a implantação do ponto de cultura Artes da Terra e manifestações culturais; na saúde pelo atendimento e serviços prestados a nossa comunidade; na educação a implantação do FUNDEP, criação e ampliação das escolas; na religião o espírito de religiosidade que faz o nosso povo fervoroso; no comércio que gera emprego e renda; no esporte e no lazer o incentivo ao crescimento e a formação de atletas do futuro; na agricultura podemos destacar a força e a coragem dos incansáveis homens do campo que começaram a história desse município. As mulheres, nossas guerreiras que desempenham tão bem o seu papel em qualquer dos segmentos da sociedade. Todas as conquistas do nosso povo merecem a nossa admiração e o nosso respeito (DOCUMENTÁRIO ARTES DA TERRA, 2010).

É pertinente também pontuar neste estudo como o pequeno povoado denominado Jenipapeiro foi evoluindo e ganhando as atuais características que o transformaram no município de Francisco Santos, recebendo obras relevantes com o passar do tempo.

Nessa tentativa de retratar a história de um povo e de uma conquista que transformou seu modo de vida, que foi a sua autonomia política, pretende-se assim como Looks (2005) em monografia sobre a emancipação política de Cocal do Sul ao afirmar que pretende “fazer a junção dos fragmentos de um pequeno episódio em uma pequena cidade, sem a pretensão de colocar a verdade absoluta” (LOOKS, 2005). Semelhante finalidade pretende-se neste trabalho, esperando que a pesquisa desenvolvida seja algo que possa colocar em debate a história desse município piauiense, bem como do episódio em foco que é sua emancipação política ocorrida em 1960.

Para trabalhar com a história da cidade de Francisco Santos foi usada principalmente a metodologia da história oral, pois os registros escritos são poucos, e este método tem como ferramenta o uso da memória, sabendo que é preciso muito cuidado neste trabalho com a memória, pois está sujeita a interpretações com uma visão já do futuro, e há o risco do participante lembrar com muito mais ênfase momentos que considera mais importantes na sua vida. A partir de então se percebe que a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento da história.

A história oral é um procedimento metodológico, que busca, pela construção de fontes, e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um comportamento da história vivida mais, sim o registro de depoimentos sobre a história vivida (DELGADO, 2006. p.15-16).

O município de Francisco Santos se originou em 1818, era chamado de fazenda do Jenipapo devido a grande quantidade de planta do mesmo nome, pertencente à cidade de Picos - PI. Seus primeiros habitantes foram dois casais que vieram da Bahia, de nome Policarpo Rodrigues Chaves e Rosa Maria Rodrigues, Antônio Rodrigues e Isabel Maria Rodrigues e junto com eles Maria Vitória, mãe de Policarpo e Isabel; Salvador, filho de Maria Vitória; e três escravos negros: João da Cruz, Anacleto e Teresa. Aos poucos foram ocupando a terra, com criação de gado e com a plantação de feijão e milho. Segundo Silva Neto (1985) Antônio e Isabel tiveram 14 filhos, e Policarpo e Rosa tiveram treze dos quais apenas nove chegaram a idade adulta. Segundo a história oral estes casais eram ligados por laços de sangue, sendo que Antônio era irmão de Rosa e Policarpo irmão de Isabel.

Em relação ao povoamento da cidade de Francisco Santos, percebe-se tanto nos livros que tratam sobre o município quanto nos depoimentos coletados que estes casais vieram da Bahia com três escravos e se estabeleceram aqui com a criação de gado e

agricultura de subsistência, com a plantação de milho e feijão, e depois começaram a fazer vazantes para a plantação de alho e cebola. É o que afirma o franciscossantense Antônio Borges de Moura, da linha de descendência de Policarpo e Rosa, morador da Rua São José, bairro Centro, que durante muito tempo agricultor e hoje já está aposentado. É um dos mais antigos habitantes da região, com 91 anos de idade. Ao falar sobre os antigos habitantes e a forma de povoamento ele relata que:

Mas quem veio pra aqui premeiro foi quatro baiano que veio da Bahia isto aqui era o centro não tinha nada, aqui só tinha um rio que passava ai, o rio Riachão. Esses dois casais que veio da Bahia trazendo uns dois ou três escravos né. E ai se arrancharam aqui, aqui no interior mesmo e naquele tempo a cidade era longe, eles se arrancharam aqui, mas eles viviam de criar gado, criar bode, criar ovelha, e ai ficaram por ai e ai foi crescendo as famílias e foi enchendo. Agora os premeiros casais eu sei do nome era Antônio Rodrigues e Isabel e o outro era policarpo e Rosa¹.

Outra versão bem semelhante é o da ex-professora Rosa dos Santos Rodrigues, moradora do bairro centro, também já aposentada de sua profissão, que ao falar sobre a origem do povoado Jenipapeiro em 1818 ela nos diz que:

Sobre o povoamento tudo que sei contar de tudo que aprendi dos meus antepassados, quando minha mãe, meu pai e meus tios contavam esta história que os avós contavam que em 1818, chegaram se nove pessoas aqui nesta região, aqui era o que se chamava o alto, eles vinham da Bahia, que a gente sabe que eles vinham da Bahia porque depois a vó Sabel e a vó Rosa deixou tudo escrito. Que eram baianos de nascença agora porque eles vieram, o motivo deles chegarem aqui a gente não sabe o que aconteceu com eles alguns dizem que foi, uns pensam que foi desgosto de família, morte de alguém da família deles, também acham que eles fugiam de guerra, naquele tempo já existiam as revoltas, que estavam as revoltas do governo já existia no mundo. Então eles vieram com medo. Eles chegaram aqui nesse alto e viram esse riacho que hoje é o nome de Riachão que hoje se transformou em um largo rio devido as enchente que deu nesse período aqui todo, mas quando eles chegaram aqui era simplesmente um riacho e eles viram água e disseram então aqui é o lugar de nós ficarmos por que nós não vamos morrer de sede, chegaram com alguns criatórios se transportaram em uns cavalos e nos jumentinhos. Chegaram nove pessoas, os casais eram irmãos um do outro, assim a vó Rosa casada com o policarpo e a vó Sabel com o Antônio Rodrigues².

¹ MOURA, Antônio Borges de. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, Francisco Santos, Abril de 2013.

² RODRIGUES, Rosa dos Santos. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

Percebe-se que tanto nos livros “Jenipapeiro - A Terra dos Espritados”, do autor João Bosco Silva, “O Município de Francisco Santos - estudo e memória” de Mariano da Silva Neto, e “Francisco Santos é Assim” de Rosa Isaura Silva, como também nos depoimentos orais concedidos pelos participantes Antônio Borges de Moura, Rosa Maria de Araújo, Rosa Isaura e Rosa Rodrigues Santos há uma semelhança em relação aos primeiros habitantes. Todos confirmam que eram nove pessoas vindas da Bahia, no ano de 1818, sendo estes dois casais ligados por laços de sangue.

Observa-se também a questão da importância do Rio Riachão, pois eles pretendiam criar gado e, portanto precisariam de um lugar que tivesse água por perto. Outro ponto defendido por quase todos é que não se sabe ao certo o motivo pelo qual estas pessoas teriam vindo da Bahia. Exceto o professor Mariano que declara que estes casais teriam “vindo da Bahia por desgosto familiar” (SILVA NETO, 1985). Mas entende-se que esta seja apenas uma hipótese já que não se sabe ao certo o que trouxeram estes habitantes para cá.

A citada vó Zabel é a Isabel Maria Rodrigues que era casada com Antônio Rodrigues e a vó Rosa é a esposa de Policarpo, pois é assim que são lembradas carinhosamente pelos habitantes do município. Podemos perceber no depoimento de Francisco de José Brás concedido a Fernando para um documentário em homenagem ao 50 anos de emancipação do município que:

Os primeiros casais foi chegado aqui em 1818, então, era Antônio Rodrigues e a vó Zabel e Policarpo e Rosa as duas eram chamadas de vó Rosa e vó Zabel. Então eles se arrancharam aqui e o emprego deles, quero dizer a atividade era criar gado e viviam aqui isolados³.

Ressaltando que a atividade era a criação de gado, ele também falou sobre os escravos vindos com esses habitantes: “Olha era a mãe de policarpo trazendo três escravos era só da velha, ai quando ela faleceu passou para policarpo os escravos”³.

Segundo Santos (2003), no ano de 1820 chegaram Roberto Gomes e Belchior Rodrigues da Silva, netos de Isabel, mais tarde veio o senhor Simplício Pereira, nascido em Picos. Simplício Pereira era casado com Antônia neto de vó Isabel.

Não se sabe ao certo se realmente foi este motivo que trouxeram estes habitantes, eram povos de família abastadas, eles teriam construído suas casa no mesmo sítio que fica dentro do perímetro atual da cidade, católicos convictos trouxeram consigo as imagens de

³ SANTOS, Francisco de José Brás. **Depoimento concedido a Fernando José de Lima** para um documentário em homenagem aos 50 anos de emancipação do município. Agosto de 2010.

Santo Antônio de madeira e de nossa senhora da Conceição. Segundo Silva Neto (1985) celebravam Santo Antônio com uma trezena que terminava em junho na casa de Policarpo e Rosa, e na casa de Antônio e Isabel era festejado a imagem de Nossa Senhora com um novenário que encerrava no dia 8 de dezembro por ocasião do dia de Nossa Senhora da Conceição.

Os primeiros habitantes vindos da Bahia eram pessoas simples, religiosas que buscavam estabilização em lugar onde pudesse exercer o cultivo da terra e criar gado, por isso iniciaram o povoamento neste local. Tendo grande influência em tudo que se projetou até os nossos dias⁴.

Percebemos que eram pessoas religiosas, devotas principalmente de Santo Antônio e da Nossa Senhora da Conceição. Celebravam festejos em homenagem a estes santos, trouxeram consigo também a imagem de Santo Antônio de madeira, imagem essa que se encontrava na Igreja até poucos meses atrás quando desapareceu não se sabe como.

Então esses primeiros habitantes fixaram nas terras do povoado e se dedicaram a criação de gado e praticando a agricultura de subsistência:

Duas famílias, aliás, dois casais, acompanhados de alguns parentes e três escravos- nove pessoas ao todo- iniciaram aqui uma nova história. Foram chegando, observando a terra e o vale, e foram armando suas tendas, apossando-se. Rio temporário, de águas revoltas, correndo em leito estreito e profundo durante o inverno, e no período estival deixando, aqui e ali, poções ou aguadas para dessedento de animais e gente. Barro escuro e forte em suas estreitas nesgas de margens. Mas de boas terras ao longo do bendito rio. Bom lugar pra criação de gado. E para a lavoura de milho e feijão (SILVA, 2010, p 30).

Durante várias décadas o povoado permaneceu com aspectos simples, e sobrevivendo principalmente da criação de gado (pecuária extensiva) e agricultura de subsistência.

Quanto a agricultura Jenipapeiro tinha sua economia baseado em atividades primárias, como as lavouras de alho, feijão e mandioca. Apareciam durante o ano outros subsídios como, por exemplo, da cera de carnaúba, a amêndoa da oiticica, oleaginosa; a criação de galináceos. Segundo Silva (2010) até por volta do início dos anos de 1950 também a borracha da maniçoba serviu de aporte extra de recursos, quando, a partir de então os preços começaram a cair e sendo assim não era mais uma atividade compensadora.

⁴ LIMA, Rosa Maria de Araújo. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

Um dos principais cultivos foi o do feijão, que em meados de abril começava o processo de beneficiamento com a apanha e a debulha. Segundo Silva (2010) “Usava-se também o processo de bater que consistia em juntar as vagens secas em grandes montes e sobre elas desciam o cacete, processo utilizado apenas na segunda colheita”. Utilizavam o feijão da primeira colheita para a venda e o da segunda para o próximo plantio e para o sustento da família.

Quando terminava a colheita do feijão, vinha a plantação do alho. Os serviços do cultivo do alho realizava-se durante quase todos os meses do ano, raspagem das folhas secas, coleta de fezes de animais, cerceamento da roça, plantação, irrigação, e a remoção da areia das cabeças do alho.

A produção do alho era em geral comercializada por cada lavrador, transportando o produto no lombo do burro ou do jumento, em longas e memoráveis jornadas, alcançando as cidades do Piauí, Ceará e Maranhão. Só mais tarde com a chegada do transporte automotor e a consequente abertura das estradas carroçáveis e centrais em pirraçadas o costume começou a mudar (SILVA, 2010. p 77).

O comércio no povoado era bem simples. Havia poucas bodegas, com vendas fiado. Segundo o senhor Antônio Moura a primeira “bodega” foi do seu pai Feliciano Borges de Moura, ainda no povoado de jenipapeiro e era bem pequena.

Começa crescer o pequeno povoado, com famílias ligadas a política de Picos, onde apenas dois troncos familiares principais formavam o povoado sendo estes os Santos e os Rodrigues, e estas entrelaçadas e para imortaliza o nome dos Santos e também comandarem politicamente a cidade então dedicaram a emancipação de Francisco Santos-PI.

1.2 O processo de emancipação do município:

Como vimos o povoado começa a crescer economicamente devido ao comércio do alho e outros produtos agrícolas, também com o extrativismo e a pecuária, agora em menor escala. Crescimento também populacional, pois começava a quebrar o sistema de casamento consanguíneo trazendo assim mais membros para a família jenipapeirense. Seu crescimento principal, para que de fato o município conseguisse se emancipar, foi na parte política, pois antes mesmo de conseguir se desmembrar politicamente de Picos já participava da vida política da cidade.

Em 1920 chegaram aqui Belchior Rodrigues e Roberto Gomes. Mais tarde veio Simplício Pereira, nascido em Picos, este era casado com Antônia Maria da Encarnação, neta de Isabel Maria Rodrigues. Esta família foi ganhando renome em Picos e seus filhos Licínio Pereira dos Santos e Elizeu Pereira dos Santos, além de Francisco de Sousa Santos, ocuparam cargos políticos em Picos. Elizeu Pereira dos Santos foi vereador em Picos na década de 1950, e foi o principal articulador do projeto de Emancipação política do município que foi homenageado com o nome do seu irmão Francisco Santos, conseguindo também agradar seu outro irmão Licínio Pereira Santos nomeando seu genro Roldão Rodrigues para prefeito do município.

Como já citado um fato de extrema importância para a emancipação política do município foi a participação dos filhos da terra de Jenipapeiro na política em Picos, cidade da qual o povoado pertencia, um dos principais representantes do então povoado foi Antônio Rodrigues e também o coronel Francisco Santos que era filho do coronel Simplício Pereira dos Santos e Antônia Maria da Encarnação. O coronel Chico Santos exerceu vários cargos em Picos após o falecimento de Antônio Rodrigues, em 1918, que era o intendente municipal, assumindo então o seu cargo. Em 1920 é indicado ao posto de intendente até 1924. Em 1927 é nomeado primeiro Suplente Substituto do Juiz Federal de Picos. Em 1930 é eleito Deputado Estadual e novamente em 1937 é eleito Prefeito Intendente Municipal. E na política do Estado, a caminho do pai, os seus filhos também participaram da política de Picos.

Enquanto o Cel.Chico Santos e seus filhos lideravam a política em picos, seus irmãos e parentes, que constituíam quase a totalidade da população de Jenipapeiro, lhes ofereciam apoio, guiados a nível local por Licínio Pereira dos Santos e, posteriormente, por Elizeu Pereira dos Santos, irmão do coronel (SILVA NETO, 1985. p.28).

Como percebemos na citação acima a população de Jenipapeiro era formada principalmente pela família Santos, estes vindos principalmente do entrelaçamento de Simplício Pereira com Maria da Encarnação, neta de Isabel, família esta que envolveu-se na política de Picos, estando extremamente envolvida na emancipação do povoado e comandando a política de Francisco Santos durante anos, formando assim uma oligarquia familiar.

Aos poucos o povoado Jenipapeiro vai arranjando seus espaços com representantes na política de Picos:

Assim crescia Jenipapeiro, social, econômica e politicamente. O pequeno vilarejo de 1918 torna-se povoado em 1935. Na década de 1950(3 legislatura, 1955), produziria dois vereadores: Izac Pereira dos Santos, pelo PSD; e Francisco Rodrigues Sales, pela UDN; e na 4 Elizeu Pereira dos Santos pelo PSD (SILVA, 2010, p.134).

Isso demonstra que Jenipapeiro começa a desfrutar de certa importância no comando municipal de Picos. Elizeu Pereira dedicou seu poder ao projeto de emancipação do povoado, mas em 1956 o projeto de emancipação política foi negado por questões políticas, só sendo aprovado em dezembro de 1960.

Observamos que a família Santos formava a grande maioria do povoado, e conforme relato do senhor Antônio Borges de Moura esses membros “lutaram para além de exercer o poder político do povoado, mas também para imortalizar nome do Coronel Francisco Santos e assim o de sua família”¹.

Já em Jenipapeiro os principais representantes partidários foram Francisco Rodrigues Sales, também chamado de Chodó e Arlindo Rodrigues Lima, que exerciam grande prestígio no povoado e que segundo João Bosco possuíam desavenças pessoais.

O fato é que em 1960 o povoado conseguiu sua emancipação política que foi outorgada pela lei nº 1.993 de 09 de setembro do ano de 1960, e foi instalada oficialmente em 24 de dezembro do mesmo ano, desmembrando seu território dos municípios de Picos e Jaicós. Até então o município era conhecida como Fazenda Jenipapeiro, devido à grande quantidade da planta de mesmo nome encontrada na região. “Criado o município, mudou-se o topônimo de Jenipapeiro para Francisco Santos em homenagem ao coronel Francisco de Sousa Santos, talvez o filho mais ilustre da terra” (SILVA NETO, 1985 p.53).

A emancipação aconteceu em virtude do crescimento do povoado tendo em vista a conquista da independência e do progresso próprio da localidade motivado especialmente pelos políticos da época que se empenharam em buscar um maior desenvolvimento político, cultural e rentável no setor agrícola e comercial.⁵

A partir da análise deste depoimento percebe-se que a emancipação se deu com o crescimento do povoado e o interesse em um desenvolvimento político e rentável para a região. Outra depoente que relata um pouco sobre a emancipação é a professora Rosa dos Santos Rodrigues, conhecida como Marlene.

No dia 24 de dezembro de 1960, reuniu-se os representantes daquele interior de nome Jenipapeiro e por boa intenção deu-se o nome de Francisco Santos,

⁵ LIMA, Rosa Maria de Araújo. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

homenageando o coronel Francisco Santos que era um homem de bom senso e que havia muito serviço prestado a região e por ser também filho da terra⁶.

Então de acordo com o que observa-se, o coronel era filho da terra e também realizava suas obras políticas na região onde possuía seus parentes representando-os. Como intendente do município de Picos seus principais projetos foram: A construção do Mercado Público e a inauguração em 01 de janeiro de 1924; No ano de 1929 é instalada no município a primeira usina elétrica construída pela prefeitura municipal; E o estabelecimento da primeira instituição de ensino que passaria a se chamar Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

FIGURA 03: Coronel Francisco de Sousa Santos



FONTE: Documentário de comemoração dos 50 anos de emancipação política de Francisco Santos – PI.

Como podemos perceber a emancipação política de Francisco Santos estava ligada a carreira da Política no município de Picos com a Família Santos. De acordo com o depoimento de Antônio Borges de Moura “O nome foi dada para imortalizar o nome do

⁶ RODRIGUES, Rosa dos Santos. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura.** Francisco Santos, Abril de 2013.

coronel Francisco Santos’’ além de uma possível oligarquia política que acabou perdurando durante anos no município’’⁷.

Para o processo de emancipação política, foi de fundamental importância a atuação do munícipe Elizeu Pereira dos Santos, que foi vereador de Picos na década de 1950, e articulou o projeto lei para conseguir a autonomia política de Francisco Santos negociando e articulando o projeto. Também foram de importância relevante para a autonomia da cidade, segundo Silva Neto (1985), os deputados Álvaro Rodrigues e Humberto Reis da Silveira que ajudaram no encaminhamento e votação do projeto lei de emancipação. Tanto fez que conseguiu que o governador nomeasse seu irmão Roldão Rodrigues para prefeito do novo município e homenageasse o outro irmão, o coronel Francisco Santos, batizando a cidade com seu nome.

O fato é que a tão sonhada emancipação política chegou no dia 24 de dezembro de 1960 causando grande euforia e expectativa nos habitantes do antigo povoado. Segundo SILVA (2010) quando a cidade ganhou sua autonomia política, os habitantes da cidade organizaram-se para receber o governador Chagas Rodrigues, governador do Piauí na época, para que este “inaugurasse” simbolicamente a cidade. Aconteceu uma verdadeira preparação para o grande dia, recompondo as pinturas das casas, estourando foguetes e comprando roupas novas para a recepção do governador.

Ruas enfeitadas de bandeirolas, ruas enfeitadas desde o largo de igreja até o final de Rua de Tetéu na entrada da cidade, banda de música contratada em Picos para a recepção, e baile logo mais á noite, além do laudo banquete para as autoridades (SILVA, 2010, p.136).

O governador não apareceu, o que causou uma decepção nos Franciscossantenses, vindo representa-lo o Dr. Caio Vaz de Oliveira, que era juiz da Comarca de Picos. Este recebe as chaves da cidade e corta a fita simbólica. Agora o antigo povoado Jenipapeiro passou oficialmente a categoria de cidade, com o nome de Francisco Santos.

O primeiro prefeito da cidade foi Roldão Rodrigues, que assumiu a prefeitura nomeado pelo governador do Estado Francisco das Chagas Caldas Rodrigues.

Roldão Rodrigues ficou no cargo por dois anos, de 1960 à 1962, quando foi exonerado do cargo devido a renúncia do governador Chagas Rodrigues do PTB, assumindo em seu lugar Tibério Barbosa Nunes da UDN, que retirou Roldão Rodrigues ligado ao PTB

⁷ MOURA, Antônio Borges de. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, Francisco Santos, Abril de 2013.

para colocar no cargo de prefeito de cidade de Francisco Santos Sebastião Nobre Guimarães, filiado a UDN.

Sebastião Nobre Guimarães permaneceu no cargo de prefeito por pouco tempo, apenas de setembro de 1962 a janeiro de 1963, quando ocorreu a primeira eleição para o cargo de prefeito do município. O primeiro prefeito por voto popular foi Simplício Moraes Santos e vice-prefeito Osvaldo dos Santos Rodrigues, ambos ligados ao PTB, que permaneceram na administração até 1966, junto com os primeiros componentes da Câmara Municipal de vereadores: José Pereira dos Santos, Francisco Rodrigues dos Santos, Francisco Elpídio Barros, Francisco Manoel Rodrigues e José Elpídio Ramos.

A primeira eleição no município de Francisco Santos foi realizada no ano de 1963, já no próprio município, e os votos eram depositados nas urnas em cédulas de papel no qual era obrigatório constar a assinatura do eleitor, portanto apenas quem soubesse escrever poderia votar e também teria que ter mais de 18 anos de idade.

Um fato interessante sobre a eleição é que o eleitor poderia votar no prefeito de um partido e para vice prefeito em um candidato do mesmo partido ou de outro, como preferisse, então poderia ser que elegeisse um candidato a prefeito de uma chapa e o vice da chapa adversária. Nessa primeira eleição ambos os candidatos do PTB foram eleitos.

Os candidatos da primeira eleição foram Arlindo de Sousa Lima e Antônio Borges de Moura e Simplício de Moraes Santos e Osvaldo pelo PTB. O senhor Antônio Borges de Moura, que foi candidato a vice-prefeito nesta eleição relatou sobre como a primeira eleição foi realizada:

A primeira eleição foi realizada aqui em Francisco Santos, Simplício de Moraes Santos foi eleito e daí por diante continuou de 4 em 4 anos a ter eleição. Podia votar quem tivesse 18 anos, quem tivesse menos não podia votar e a eleição era individual, por exemplo, a pessoa ia escrever seu nome ali em uma folha e aí eles pegavam um cartãozinho e colocava em uma urna, depois quando ia apurar tirava aqueles cartões tudim, todos misturados, aí iam separando de um e de outro. Era dividido o prefeito em uma chapa e o vice em outra. Quem votasse para o prefeito não era obrigado a votar pra o vice, então podia votar para o prefeito de uma chapa e o vice de outro partido.(..) Eu fui candidato a vice, mas fui derrotado quem ganhou foi o outro foi Osvaldo (...) O prefeito eleito era Simplício de Moraes Santos e o outro candidato que perdeu comigo era Arlindo de Sousa Lima.⁸

Analisando a primeira eleição, o projeto apresentado pelos candidatos para o município foi a instalação da energia elétrica, mas essa apenas a motor e em postes de

⁸ MOURA, Antônio Borges de. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, Francisco Santos, Abril de 2013.

madeira. Conforme depoimentos, as luzes tinham horário marcado para serem acendidas e apagadas: era ligada as 18 horas e desligada às 22 horas, assim como em Teresina no século XX. Durante os dois anos de mandato este foi o único projeto apresentado ao município. Segundo depoimentos não havia envio de verbas para o município, limitando-se a apenas alguns impostos que eram cobrados de dentro do próprio município:

Quando eles foram eleito, eles foram eleito só por dois anos que foi Simplício e Osvaldo, mas eles não fizeram nada, sim eles botaram a luz elétrica aqui mais era em postes de madeiras né. Só foi o que eles fizeram Naquele ano. Só foram dois anos que eles mandaram. Ai depois de dois anos veio outros candidatos. O primeiro prefeito ele era o homem muito bom, a agora ele não fez praticamente nada no mandato dele ele só botou os postes aqui em frente a umas quatro casinhas mais poste de madeira e puxou eletricidade, até por que também, não vinha verba era só os impostos que vinham mesmo do município.⁹

Sobre este projeto da iluminação pública instalada pelo primeiro prefeito, para uma melhor análise também temos o depoimento da professora Rosa dos Santos Rodrigues, moradora do Bairro Centro, Rua Simplício Pereira. Ela relata que o projeto de iluminação pública foi um dos melhores projetos para o município:

O primeiro prefeito eleito pelo voto do povo que é Simplício de Moraes Santos. A nossa cidade era a luz de vela e ele conseguiu trazer uma luz a motor. Essa luz acendia às seis horas da tarde e quando era dez da noite eles desligavam, Mas quer dizer isso favoreceu muito a gente porque a gente vivia na luzinha de vela nas calçadas e tudo no escuro e depois ficamos até quando a CEPISA tomou posição em 1971, que foi quando surgiu essa energia nossa, que veio pra nós, então quer dizer nós vivemos nove anos com essa luzinha a motor.¹⁰

Percebemos então que sobre o primeiro prefeito eleito pelo povo o principal projeto realizado durante a sua administração foi a iluminação pública a motor para clarear a cidade, mesmo não sendo em todas as ruas de um modo geral foi algo muito bom para a população, pois foi um passo para a chegada da energia elétrica que foi instalada na cidade no ano de 1971.

A segunda eleição foi realizada em 1967, sendo eleito para prefeito José Hosternes de Barros e para vice-prefeito Sebastião Nobre Guimarães. Para vereadores foram escolhidos

⁹ MOURA, Antônio Borges de. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, Francisco Santos, Abril de 2013.

¹⁰ RODRIGUES, Rosa dos Santos. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

José Carmo da Silva, Licínio Pereira Neto, José Pereira dos Santos, Manoel Valetim de Sousa e Manoel Raimundo dos Santos. Estes dois últimos pertenciam a ARENA 2, todos os outros pertenciam a ARENA. O mandato deste grupo foi de 1967 a 1971.

Sobre os projetos deste mandato, segundo informações de Silva Neto (1985), foi construído um cemitério e dois grupos escolares. Com recursos municipais, José Hosternes de Barros construiu um cemitério público na cidade, e em convênio com o estado construiu as unidades escolares Franco Rodrigues na sede e Alzira Santos na zona rural da cidade, na comunidade denominada Diogo.

Em 1971 foram eleitos para prefeito Sebastião Nobre Guimarães e para vice-prefeito Raimundo Pimentel Duarte ambos da ARENA 1, sendo que este mandato não seria por 4 anos permaneceria até 1972 apenas. Foram eleitos também os vereadores Manoel João da Silva (ARENA 1), Isaac Joaquim da Silva (ARENA 1), Anísio Manoel Rodrigues (ARENA 2), José Patrocínio da Silva (ARENA 2) e Antônio Benjamim de Carvalho (ARENA 2). Foi durante este mandato no de 1971 que o município de Francisco Santos ganhou a iluminação pública através da rede elétrica - CEPISA.

Em 1973 entra em cena no comando do município a prefeita Maria Carleusa dos Santos Batista de Carvalho, que comandou a administração da cidade por muitos anos. Era casada com Isaac Batista, prefeito em Santo Antônio de Lisboa (município vizinho) e de grande influência em Picos. Tendo como vice-prefeito Elpídio Arlindo Lima, ambos da ARENA, junto com os vereadores Elizeu José de Barros, Pascoal Manoel de Carvalho, Francisco José Rodrigues, Anísio Manoel Rodrigues e Raimundo Antônio de Sousa administraram o município até 1976.

Durante a sua gestão Maria Carleusa construiu, com recursos municipais, a sede da prefeitura, a Praça Licínio Pereira, indenizou e removeu os prédios para a desobstrução de ruas, e iniciou a construção da sede do ginásio Cristo Rei, da CNEC, criado por seus esforços. Ainda em sua gestão, o Governo do Estado, através da AGESPISA, implantou o serviço de abastecimento de água da sede municipal (SILVA NETO, 1985. P.30).

Houve também um grande atraso no desenvolvimento cidade, pois somente no mandato de 1973 a 1976 é que foi construída a primeira praça da cidade, em frente à sede da prefeitura, e iniciado o abastecimento de água. Estas obras foram muito importantes para o município, pois depois de tantos anos a cidade vai ter um aspecto físico mais parecido com cidade do que com um povoado.

No ano de 1977 foi determinado que a administração do município teria o mandato ampliado de quatro para seis anos, sendo modificado também a quantidade de vereadores na câmara que eram cinco e passou a ser sete vereadores.

Então, na eleição de 1977-1982 assumiu a prefeitura Elpídio Arlindo de Lima (ARENA) e como vice-prefeito Manoel Raimundo dos Santos (ARENA), sendo a Câmara Municipal composta por Pascoal Manoel de Carvalho (ARENA), Jacó Antônio de Moura (ARENA), João Quaresma de Lima (ARENA), Saulistiano Antão de Sousa (ARENA), José de Moraes Santos (ARENA 2), Expedito Francisco Rodrigues (ARENA 2) e José Francisco Rodrigues (ARENA 2).

Nesta administração foi construído o Açougue municipal e várias unidades escolares: Dirceu Arcoverde (sede), Manoel Quaresma (povoado Jurema, zona rural), José Ramos (povoado Boa viagem, zona rural), pavimentou as principais ruas da cidade, construiu quatro cisternas públicas na zona rural e um posto de saúde no povoado Boa Viagem.

Para o mandato de 1983 á 1986 foi eleita novamente Maria Carleusa Santos Batista Carvalho (PDS) e vice Antônio Benjamim Carvalho (PDS), e para compor a câmara municipal os vereadores Saulistiano Antão de Sousa (PDS), João Quaresma de Lima (PDS), Pascoal Manoel de Carvalho (PDS), Amadeu Genésio Rodrigues (PDS), Raimundo Rodrigues Santos (PMDB), Pedro José dos Santos (PMDB) e Manoel Marcos de Brito (PMDB).

Alguns projetos foram realizados no município neste mandato, que durou até 1986. Estes foram, conforme Silva Neto:

Dentre as realizações de Carleusa Santos nesta segunda gestão á frente da municipalidade, destacam-se os seguintes: ampliação e reforma da sede de prefeitura e Praça Licínio Pereira; implantação do serviço de limpeza urbana e coleta de lixo; eletrificação do povoado Boa Viagem; construção e implantação de 260 fossas sépticas, em convênio com a secretaria de saúde do Estado; construção em convênio com o MEC ou com a Secretaria de Educação do Estado, das unidades escolares Leda Santos (sede), Feliciano Borges (Diogo), Imaculado Coração de Maria (Palmeira), Manoel Quaresma (Mourões), João Mariano (Trizidela, sede); construção de um posto de saúde (Diogo); perfuração de poços tubulares e construção de chafarizes públicos (Trinco e Jurema) e a construção de uma casa residencial, na cidade, destinada a futura comarca, por cuja criação vem trabalhando junto aos órgãos competentes do Estado(SILVA NETO, 1985, p.30-31.).

Em 1987 for eleito para prefeito pelo PFL Elpídio Arlindo Lima e para vice-prefeito Amadeu Genésio dos S. Rodrigues também PFL, e para vereadores José Alex Rodrigues (PFL), José Joaquim da Silva (PFL), Amadeu Rodrigues dos Santos (PFL), Manoel

Raimundo dos Santos, José Morais dos Santos (PMDB), João Quaresma de Lima (PFL), João Francisco Rodrigues (PFL). O mandato se estendeu até 1992.

Em 1993 Maria Carleusa dos Santos B. de Carvalho assume novamente a prefeitura do município. Daí em diante assumiram a prefeitura: José Joaquim da Silva (1997-2000), Maria Carleusa dos S. B. de Carvalho (2001-2004 e reeleita 2005-2008), José Edson de Carvalho (2009-2012 e reeleito para 2013- 2016).

Pode-se perceber que a política no município durante muito tempo pertenceu a uma oligarquia, da qual quase sempre faziam parte e comandavam a cidade praticamente as mesmas famílias, com destaque para a família Santos. Para exemplificar, só a ex-prefeita Carleusa Santos comandou a administração do município durante cinco mandatos que correspondem há 20 anos sob o comando da prefeitura do município. Esta foi responsável pelos principais projetos do município, realizando significativas transformações na cidade.

Conforme relatos da ex-professora Rosa dos Santos Rodrigues que muito se dedicou aos estudos sobre o município, ao ser questionada sobre os melhores prefeitos ela expõe que:

Na minha opinião, os melhores prefeitos, nós tivemos vários, vários, nesses 50 anos de cidade, mas o primeiro prefeito eleito pelo voto do povo que é Simplício de Morais Santos. A nossa cidade era a luz de vela e ele conseguiu trazer uma luz a motor. (...). E o outro também, a outra foi Carleusa, até porque ela foi prefeita cinco mandatos, cinco vezes, então ela teve muita oportunidade de fazer as coisas e também ela tinha muito projeto de desenvolvimento dentro da concepção política dela. Que ela criou, começou do começo a cidade. Ela fez praças, ela fez colégios, ela trouxe o ginásio que o nosso povo só tinha o ensino... Só o alfabeto como se diz só era alfabetizado. Ai ela trouxe o ginásio e logo mais em seguida ela trouxe o ensino médio na educação. Então ela formou, deixou o nosso povo aqui bem equipado e logo em seguida ela teve ainda a competência de trazer uma faculdade pra dentro da nossa cidade para nós estudarmos aqui mesmo, eu mesmo terminei meu curso dentro de Francisco Santos. Ela colocou também, ela trouxe sua filha, que ela tinha filha médica, ela colocou a enteada dela e mais duas filhas médica para trabalhar pela saúde, inclusive ainda hoje uma está trabalhando aqui tem clinica e tudo, a doutora Saara. E houve também outros, não querendo tirar o direito dos outros, teve também desenvolvimentos dos outros prefeitos, posso até fazer uma citação aqui do prefeito Zé de Quinco que foi quando ele criou o hospital (...). E até então, Carleusa teve mais oportunidade, por ter governado mais, mas os outros também fizeram bastante.¹¹

A partir deste depoimento de Rosa dos Santos Rodrigues vamos observar que ela coloca como melhores prefeitos: Simplício de Morais Santos, primeiro prefeito eleito pelo povo na cidade, que trouxe a luz a motor para o município, fato que ela julga como de grande

¹¹ RODRIGUES, Rosa dos Santos. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

favorecimento para os franciscossantenses. Ela nos cita também a figura de Carleusa Santos que segundo ela realizou vários projetos no município. Aponta também a figura de José Joaquim da Silva, conhecido como Zé de Quinco, pela construção do hospital. Deixa claro que Carleusa realizou mais projetos, pois a mesma esteve mais tempo na administração política da cidade.

Os demais depoentes também citaram a prefeita Carleusa Santos como principal articuladora dos projetos existentes na cidade, citando também a importância do seu esposo para suas gestões:

A política partidária foi predominante desde os primeiros tempos. Por ficar tantos anos no poder administrativos, a prefeita Carleusa Santos foi quem mais realizou projetos e melhorias nesta cidade, especialmente em seus primeiros mandatos quando trabalhava junto com seu esposo Isaac Batista.¹²

O depoente Antônio Borges de Moura afirma que esses projetos estavam sob o comando do ex-marido da senhora Carleusa Santos, o senhor Issac Batista:

Em minha opinião assim, Simplício não pode fazer nada mais era bom, Elpídio foi o terceiro prefeito, era bom e José Hosterne também foi bom e daí pra cá carleusa tomou de conta que foi prefeita muitos anos, mas quem governou não foi ela foi o marido dela, o marido dela foi quem pegou Francisco santos do chão e elevou e tá no que tá hoje uma cidade grande que já tá isso foi Carleusa e o marido dela não foi outra pessoa.¹³

Percebe-se que muito foi feito pela cidade nesta administração. Ainda há muito o que fazer, mas ao compará-lo com os primeiros anos de administração política vê-se um bom nível de desenvolvimento econômico e social ao longo desses 52 anos de emancipação política.

Alguns depoimentos de participantes desse estudo por meio da história oral confirmam as principais modificações ocorridas após a autonomia política do município:

Muito, porque antes só existia a igreja que nem era a igreja matriz de hoje, era uma igreja pequena e também um pequeno mercado que eles se situavam para poder botar lá, vender as coisas, as carnes, e algum quarto de comércio e alguma coisa. E também a cadeia, aonde quase nem tinha tanta violência nem nada. E hoje nós temos o fórum. Depois da emancipação

¹² LIMA, Rosa Maria de Araújo. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

¹³ MOURA, Antônio Borges de. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, Francisco Santos, Abril de 2013.

veio tudo isso: o fórum, clubes, praças, colégios, creche, correios, bancos e muito mais.¹⁴

Abordagem semelhante é colocada pela professora aposentada, poetiza e escritora Rosa Isaura dos Santos, ao ser interrogada sobre o que ela julga que o povo ganhou com a emancipação política do município.

Olha quando um povoado, qualquer povoado ou vila que passa a cidade sempre consegue melhorias a cidade tem direito a participação, surgem empregos públicos, acelera o crescimento, aumenta a expectativa de vida do povo. Em Francisco Santos das primeiras conquistas para o povo foi a energia elétrica que chegou pouco depois da inauguração da cidade, acho que foi uma das primeiras conquistas, mas teve muitas outras ao longo do tempo e foi surgindo muitas melhorias. O município fica mais conhecido e é um desenvolvimento maior. O aspecto físico mudou porque quando era povoado, as ruas nem eram assim bem organizadas, aí foram se formando as ruas, mas tarde as ruas foram sendo asfaltadas. Foram construindo prédios públicos, praças aí mudou tudo né! Antes a gente brincava na areia, as ruas não eram formadas direito, agora tá mais organizada a cidade é mais é mais organizado¹⁵.

Percebe-se a partir dos depoimentos acima que a cidade de Francisco Santos ganhou muito depois da emancipação, foi se transformando e modificando. Alguns pontos positivos que viera foram: a independência política; um crescimento mais acelerado de ruas, economia, crescimento demográfico; maior credibilidade no setor financeiro e com tudo isso veio a expansão do trabalho, da cultura e desenvolvimento humano e social.

¹⁴ RODRIGUES, Rosa dos Santos. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

¹⁵ SANTOS, Rosa Isaura. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, abril/2013.

2 DOS ARES DA ZONA RURAL PARA A ZONA URBANA

Nesse capítulo será abordado o modo como os habitantes da zona rural foram gradualmente transferindo-se para a zona urbana, após o processo de autonomia política da cidade, e ainda demonstrar as vantagens e desvantagens desse êxodo rural. O tema será desenvolvido principalmente a partir da história oral, pois segundo Raphael Samuel em documentação história local e história oral:

A evidência oral é importante não apenas como uma fonte de afirmação, mas também pelo que faz para o historiador, que entra no campo como um fisco invisível. Pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita (SAMUEL, 1990, p. 237).

A metodologia da história oral possibilita realizar uma análise a partir de várias formas de linguagens sobre o mesmo acontecimento, bem como outras visões e outras características, além de dar margem à diferentes interpretações. Como nos coloca Almeida (2006):

Trabalhar com fontes orais significa a possibilidade de identificarmos as muitas linguagens que entrecem um mesmo enredo, as outras histórias que compõem uma trama. Há ocasiões e situações em que a tentação da homogeneização perspectivas ou muitas interpretações engendradas pelos diversos sujeitos (ALMEIDA, 2006, p.44).

Neste capítulo será utilizada principalmente a história oral, abordando depoimentos de professoras aposentadas e de senhores que participaram desse êxodo rural e atualmente habitam na zona urbana, caminho igualmente percorrido pela maioria dos habitantes.

O município de Francisco Santos tinha sua economia baseada nos produtos da agricultura familiar produzido nas atividades da zona rural, com destaque para os cereais como o feijão e o milho, também se destacando a mandioca e o alho. A vida da maioria das pessoas concentrava-se na zona rural, nas atividades agropecuárias, que abastecia a zona urbana e até outros municípios. A pecuária também se fazia presente na criação de galinhas, suínos, bovinos e caprinos também para subsistência ou comercialização.

Os principais produtos cultivados aqui eram o feijão, o milho, a mandioca, o alho, este foi uma cultura predominante durante muito tempo, quando se

utilizava as margens do rio e nas vazantes ainda se plantavam alho, cebola, abóbora, batata, maxixe e muitos outros produtos.”¹

Conforme o depoimento de Rosa Isaura, escritora, poetisa, e professora aposentada pode-se perceber que era de atividades agrícolas que a população sobrevivia:

Ah no antigo povoado era cultivado, eles trabalhavam em alho, era muito cultivado, milho também, feijão nas roças, mandioca, batata doce, melancia, muitos produtos.²

Em 1950 um novo produto passa a ter destaque na economia franciscossantense, a borracha da maniçoba, onde sua comercialização servia para aquisição de recursos que a lavoura não gerava ou no período de seca, mas não durou muito e o preço do produto começou a diminuir. Segundo o senhor Antônio Borges de Moura, ao ser perguntado sobre as origens do município, relata um pouco sobre a maniçoba e os principais produtos cultivados em Jenipapeiro:

Os primeiros casais que chegaram aqui era dois irmãos era Antônio e Rosa; Policarpo e Isabel. Chegaram aqui vindos da Bahia(...). Ai começaram fazendo currais onde criaram gado, ali para os lados dos macacos, outro ali no curral novo, era assim que eles davam o nome de curral velho, de curral novo foi eles que fizeram quando chegaram aqui e ai foram plantar feijão, milho e mandioca depois que eles chegaram com uns anos foi começando a entrar mais gente vindos de outras cidades, outros estados, outros lugares e se arrancharam aqui e começaram a furar a maniçoba nessas chapadas ai, chamava se de borracha viu, eles tiravam a maniçoba na sexta feira vinham para o beijo do rio e lavavam aquela maniçoba, aquela capa e vendiam foi o primeiro comércio, foi esse a maniçoba, depois teve a queda do preço da maniçoba. Perdeu o preço, ai sabe abandonou aquilo, depois com muitos anos chegou o preço da maniçoba novamente. Se explorou a maniçoba muito tempo tirando nas chapadas, nas serras e vendendo aqui. Quando terminou a época da maniçoba veio a safra do alho e da cebola. A gente plantava com 4 meses na carga do jumento e ai iam vender no maranhão ou no Ceará ia vender fora porque aqui ninguém comprava, mas em animal(...). Ai veio se plantou muito a mandioca e feijão nessas serras ai vendiam aqui, pois começou a entra carro. Ai a gente vendia aqui o feijão e a farinha vendiam ai no armazém e levava para fora também para outros estados.³

Como podemos perceber a população do município sobrevivia da agricultura de subsistência, o que fazia com que a maioria das pessoas vivesse grande parte do ano na zona

¹ LIMA, Rosa Maria de Araújo. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

² SANTOS, Rosa Isaura. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, abril/2013.

³ MOURA, Antônio Borges de. **Depoimento concedido a Fernando José de Lima**, Francisco Santos, 05 de Agosto de 2010.

rural da cidade, popularmente denominada de “serras”. As comunidades sobreviviam dos trabalhos nas roças e vazantes, cuidando e colhendo das suas lavouras, concentrando a vida dos seus habitantes na zona rural. Muitas famílias cultivavam apenas para subsistência, outras conseguiam também comercializar o que sobrava do consumo familiar, vendendo produtos em outras cidades ou até mesmo em outros estados. Esse comércio era muito difícil de ser estabelecido pela deficiência no transporte das mercadorias, geralmente realizado em lombos de animais como o cavalo e o jumento, o que acarretava em uma viagem com vários dias de duração. O depoimento abaixo confirma este fato:

As pessoas sobreviviam do seu trabalho, daquilo consumiam, do que plantavam e quando sobrava do consumo os produtos eram vendidos para as despesas extras. Muitos se mobilizavam ao comércio dos produtos, fazendo longas e difíceis viagens a outras cidades e até a outros estados as vezes em lombo de cavalos, porcos e etc.⁴

Nessa perspectiva percebe-se também o depoimento de Rosa dos Santos Rodrigues, quando indagada sobre como as pessoas do antigo povoado sobreviviam:

A economia eles viviam do trabalho da roça, eles trabalhavam tiravam ali o feijão durante o período inverno, quando era o período de julho começavam as desmanchas, eles tiravam dali a goma e a farinha, e ai com isso ai eles sobreviviam com tempo e quanto o criatório: eles criavam gado, porco, galinha, ovelha e tinha os animais para transportar isto quando eles precisavam de um lado para outro e assim eles viviam quando a gente tinha até então, agente tinha os invernos bons que dava para a gente sobreviver.⁵

Geralmente grande parte da população transferia-se para a zona rural no dia 1º de janeiro de cada ano, data popularmente chamado de “dia de ano” considerada um dia de festa e comemoração pelo encontro entre familiares e de afilhados com seus padrinhos, fato que marcava a data para a população. Neste dia era costume, e ainda é atualmente, os afilhados procurarem seus padrinhos para pedir a bênção e receber um presentinho qualquer. Os poucos padrinhos que tinham boa condição financeira presenteava seus afilhados com bode, carneiros, bezerros só que a maioria não tinha grandes recursos, então esses presentinhos eram apenas alguns trocados, centavos ou contos de reis, que faziam a alegria da criançada que logo

⁴ LIMA, Rosa Maria de Araújo. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

⁵ RODRIGUES, Rosa dos Santos. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

direcionavam-se para a bodega de velho Boronga para comprar doces e balas. Já no caso das meninas o presente era vestido, atraca para amarrar cabelo e calçados.

Primeiro de janeiro era, como já dissemos, um divisor de águas. Marco constante no ciclo anual dos acontecimentos, dia de ano favorecia o reencontro de todos os filhos e netos na comunhão geral, na confraternização das bênçãos, nas palestras descontraídas, no joguinho de cartas dos adultos-bisca ou três-sete (em quase todas as famílias)- na correria desenfreada de tantos primos se encontrando, pelas salas, varandas, quartos escuros, pelos terreiros a chutar bola do pano ou de bexiga do porco, animal que, também se prestava ao regalo do almoço dessa data festiva. (SILVA, 2010, p.36)

No “dia de ano” o tradicional almoço em família não podia faltar, reunindo todos os familiares em um momento de comemoração. Logo após, as famílias passavam a se organizar para “subir pra serra” no período da tarde, e lá esperar o período das chuvas, cultivar suas lavouras e cuidar dos animais. A partir da primeira semana de janeiro as ruas da cidade encontravam-se desertas, com a maioria das portas das residências fechadas indicando que aquela família já havia “subido pra serra”. Poucas as pessoas não realizavam tal mudança. Excluindo-se apenas os comerciantes e funcionários públicos que lamentavam-se de não fazer o trajeto devido a ter que cumprir obrigações na sede.

Do nosso conhecimento, poucas eram as famílias que não se mudavam. Houve tempo que só ficava na cidade Antônio Moisés, Batista, Heli de Zé Belchior e a velha Libânia. Além é claro, das poucas prostitutas da Rua Puxada, sim também um ou outro bodegueiro permanecia, na esperança de efetuar alguma venda (SILVA, 2010, p.36).

Mais ou menos em meados do mês de abril começavam a aparecer os produtos do cultivo das lavouras da zona rural, principalmente os primeiros sacos de feijão, onde era hora de entrar em cena o trabalho das mulheres na debulha manual e secagem ao sol do cereal, um beneficiamento doméstico feito em família. Essa atividade era realizada por todas as famílias, e se tornava também um motivo para encontros, concentrando moças e rapazes que iam ajudar os vizinhos a “debulhar o feijão” e jogar conversa fora, na certeza de que seriam também ajudados quando os seus grãos fossem colhidos. Dali começava uma paquera que culminava muitas vezes com casamentos.

Com o fim das colheitas do feijão, iniciava a plantação do alho em meados do mês de maio, safra esta que tinha seus trabalhos estendidos pelo ano quase todo em meses alternados. Levantavam as cercas para realizar o plantio dividindo os lotes de terra, depois vinha a remoção da areia, ou seja, das partes mais altas para o aterramento, em seguida, deixavam o

leito do rio plano para ficar úmido, posteriormente misturavam o esterco de animais com a folha seca, caída das árvores. A partir disso, em mais ou menos duas semanas realizavam o plantio e logo após vinha irrigação no rio até o final setembro para o começo de outubro; nesse período começava a colheita das cabeças do alho, depois deixavam murchar de três a cinco dias junto com as folhas para em seguida entrançá-los em réstias e finalmente comercializá-lo.

Outro produto muito cultivado era a mandioca. No início do mês de julho começavam as farinhadas para beneficiamento da mandioca e produção da farinha e goma fresca e seca. Juntavam-se mulheres para fazer a raspagem da mandioca, lavagem da massa e depois a peneiração e também realizavam a lavagem da goma, atividade de suma importância da qual dependeria a alvura e a qualidade do produto. Havia também um prensa para compactar a massa, retirando todo o suco e deixando-a pronta para ser transformada em farinha. Havia também um forno para torrar a farinha.

FIGURA 04:

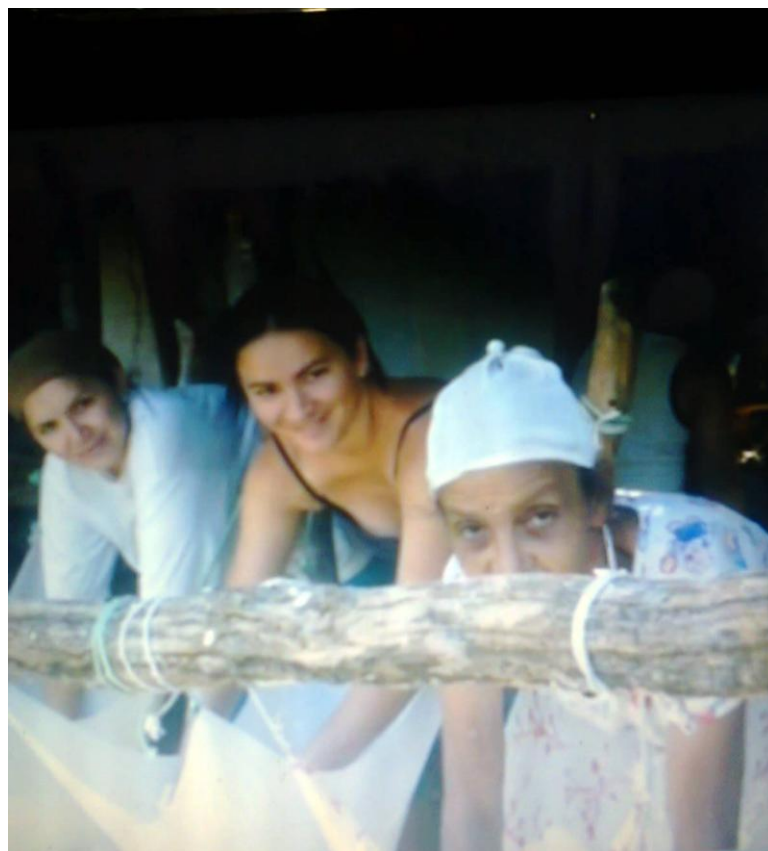
Trabalhador franciscossantense conhecido como João cotovelo realizando a colheita da raiz de mandioca.



Fonte: Documentário de 50 anos de emancipação política de Francisco Santos- PI.

Essas atividades tinham duração incerta, dependendo da quantidade de mandioca “arrancada”, e o trabalho começava antes do sol nascer nos “Aviamentos” construídos pelo poder público para uso de toda a comunidade. A mão de obra era trocada, onde as famílias se mobilizavam para ajudar os vizinhos na certeza de serem também ajudados, e ao dono da produção cabia apenas prover a alimentação para os trabalhadores. À noite, quando as atividades cessavam e era momento de descanso e lazer para preparar-se para mais um dia de trabalho, servindo também para encontro de moças e rapazes na época e possíveis paqueras.

FIGURA 05: Mulheres lavando a massa da goma em uma farinhaada.



Fonte: Documentário de 50 anos de emancipação política de Francisco Santos- PI.

Diante do exposto percebe-se que o povoado Jenipapeiro era essencialmente agrícola e suas atividades econômicas eram basicamente a pecuária e a agricultura de subsistência, o que fazia com que eles se concentrassem principalmente na zona rural do município realizando suas atividades agrícolas.

Com o processo de emancipação o município de Francisco Santos, que era praticamente rural, passa a se concentrar mais na vida urbana. Convivendo com um novo

sentimento de “liberdade” e deixando suas plantações e atividades de lado, o que acarretou uma queda na economia do município.

Isso fez com que fossem deixando os afazeres domésticos e as tarefas diárias para depois e já não se pegava mais o caminho da roça e sim para as conversas das calçadas que não poderia mais ser “perdidas”. Enquanto isso, os moradores das cidades se afastavam cada vez mais do trabalho pesado.

E de repente, viu-se o arrabalde despovoado, as casa abandonadas, as pequenas tarefas diárias postergadas para o dia seguinte, o afazer de hoje deixado para o incerto amanhã. As palestras no comércio em derredor do mercado eram por demais importantes e agradáveis. Às duas ou três da tarde, como antigamente, já não era o caminho da roça que o homem tomava para as pequenas tarefas, como a raspagem do paul ou a destoca de uma roça (SILVA, 2010, p.141).

Foram surgindo na zona urbana novas formas de pensamentos e as influências da contracultura e de como ela se deu no município, bem como dos novos costumes que se propagava na década de 1960. Refletindo assim na economia e em alguns costumes culturais da década.

Outro aspecto que se modificou bastante foi as formas de divertimento dos jovens a partir da emancipação política do município.

2.1 A vida urbana: “novos” costumes:

A partir da emancipação em dezembro de 1960 os costumes da população foram se modificando devido ao êxodo rural que foi se estabelecendo progressivamente. Logo no inverno de 1961 já se notou uma quebra no costume de no dia 1º ou no máximo na primeira quinzena de janeiro as famílias deslocarem-se para a zona rural da cidade, e àquelas que ainda permaneceram com o hábito só o fizeram no mês de fevereiro.

Até a mudança dos moradores para as serras sofreu atraso. O que em geral se dava entre o dia 1º e 15 de janeiro, naquele inverno de 1961, só veio a acontecer em meados de fevereiro, com grandes prejuízos no trato das lavouras. Todos queriam desfrutar daquele momento de euforia e confraternização (SILVA, 2010, p.139).

Esse êxodo rural trouxe consequências positivas e negativas para a população da cidade. De positivo pode-se citar o aproveitamento de bens sociais como saúde e educação.

No ano de 1985, segundo Silva Neto (1985), a cidade contava com cinco unidades escolares, que ofereciam oportunidades educacionais indo até as 8^o séries do primeiro grau (hoje 9^o ano); Na saúde uma infraestrutura física razoável, incluindo médico residente. Em linhas gerais, a zona urbana acabava oferecendo melhores serviços a população do que as áreas da zona rural.

Como pontos positivos também pode-se citar a oportunidade de melhores condições de vida e conforto como saneamento básico por meio do abastecimento de água, energia elétrica, transporte e comunicação.

Sobre o lado negativo, uma das consequências segundo Silva Neto (1985) foi o rebaixamento do padrão de moradia de casas arejadas, amplas, e iluminação natural por casas apertadas, sem áreas verdes, muitas vezes em condições de higiene precárias:

A consequência negativa mais evidente e imediata da mudança para a cidade é o rebaixamento do padrão das moradias e, conseqüentemente, das condições de habitação. Trocou-se a casa no campo, em geral, ampla, arejada, com boa iluminação natural por habitações diminuídas apertadas, amontoadas, sem verde, sem áreas livres e, na maioria dos casos, em razão da natureza do solo em que se assentam, em condições higiênicas e sanitárias precaríssimas (SILVA NETO, 1985, p.39).

Junto com essa consequência acrescenta-se a absorção de hábitos cotidianos (como conversas em calçadas, passeio nas ruas, conversas em comércio) com a diminuição e até o abandono das atividades econômicas; as plantações nas lavouras, colheitas, criações de animais que até então eram a base da agricultura de subsistência e pecuária.

Quase todos os atuais habitantes adultos da cidade foram pequenos ou médios proprietários rurais. Quando residiam no campo, cultivavam a roça contígua à moradia, tinham nela a lavoura de subsistência e possuíam seus rebanhos, geralmente modestos mas de composição variada, que ia do bovino ao galináceo. Hoje a pequena propriedade à margem do rio ou está abandonada ou confiada a adventícios, muitas vezes sem recursos para cultivá-la e sem a mesma garra para o trabalho. Para quem conheceu a ribeira a algumas décadas atrás. Visita-la, hoje, produz um aperto no coração. Casas abandonadas ou em ruínas. Caminhos, antes cheios de vida pela movimentação das pessoas, desapareceram ou se transformavam em veredas. Propriedades sem cultivos. Respira-se ali um ar de tristeza e se experimenta uma sensação de abandono e desolação. Contempla-se uma paisagem morta (SILVA NETO, 1985, p.39).

A cidade de Francisco Santos consegue sua emancipação política no dia 24 de dezembro de 1960, com ela vem significativas mudanças na vida das pessoas do seu município. Ao conseguir sua tão sonhada emancipação, o município antes chamado

Jenipapeiro e agora Francisco Santos recebe grandes transformações, sobretudo em relação a um novo sentimento de “liberdade” que surge no ideário do povo franciscossantense.

O sentimento do primeiro instante, era preciso gozar, viver esse grito de liberdade e autoafirmação. Esse deslumbramento estampava-se em cada rosto, seguindo nosso prefeito, que se desmanchava em sorrisos. Era como se houvesse um sentimento de posse muito forte, uma grande urgência de vivê-lo plenamente. Íntima comunhão entre o possuidor e a coisa possuída, era como se quiséssemos gritar para o mundo: Francisco Santos - és nossa! (SILVA, 2010, p.139).

O autor define muito bem os sentimentos dos moradores da cidade, onde esse novo ideário leva as pessoas a quererem estar comentando assuntos políticos, mesmo sem terem conhecimento sobre o que de fato era a política. Isso fez com que, cada vez mais, as pessoas ficassem nas calçadas, conversando e comentando sobre os vestidos e móveis da primeira dama e da vida de suas filhas. Ainda o autor João Bosco coloca:

Nossa juventude entrava assim de cara, de ponta-cabeça, na era da modernidade, subvertendo valores, derrubando tabus, ingressando nessa onda centrífuga permissividade que bem da verdade chegava com algum atraso (SILVA, 2010, p.140)

De certa forma não foi só a questão da emancipação que tanto modificou os costumes do povo da cidade, também contamos com “onda dos propagandistas da contracultura que chegava de certa forma atrasado neste pequeno município”. Questões como a chegada do homem á lua, os Beatles “faça o amor, não faça a guerra” situações á frente do que essas pessoas viviam antes, avançava assim certa modernidade nesse povo. Sobre essa onda de contracultura Carlos Alberto M. Pereira (1992) afirma que:

Em linhas certamente gerais, este é o pano de fundo contra o qual vemos florescer toda cultura jovem dos anos 60, batizada com o rótulo de contracultura. Esta por sua vez, se concretizou através de inúmeras manifestações surgidas em diferentes campos, como, o das artes, com especial o da música, ou melhor, o do rock o da organização social. Aparecendo em primeiro plano e a ênfase dada pelo movimento hippie á vida comunitária, na cidade ou do campo, e ainda atuação política. (PEREIRA, 1992, p.26)

Ainda sobre o aspecto dos movimentos contra culturais da época:

Nos anos sessenta, o movimento de por em questão valores, rebelando-se contra os costumes, os conceitos repassados pelos pais ou por outros

instrumentos de serialização, como a escola se revelariam insuficientes para dar conta de compreender um mundo que apesar de ser marcado pela velocidade de suas mutações parecia hábitos consagrados (CASTELO BRANCO, 2005, p.61).

Como se observa, neste período a onda da contracultura vai ter influência importante nas mudanças significativas ocorridas nos costumes dos Franciscossantenses.

As leituras realizadas revelam que o tema possui significativa importância pela transformação que gerou na vida dos munícipes, colocando movimentos e assuntos que ocorreram no país como pauta de discussão e tema das conversas nas calçadas e praças de Francisco Santos – PI, penetrando com certo atraso na vida dos habitantes de cidades pequenas como neste caso. Assim, o processo de sua autonomia política e as intervenções que vieram a partir deste fato foram determinantes para os hábitos de vida da população.

2.2 Formas de divertimento em Francisco Santos:

Para que se tenha uma ideia melhor sobre os novos costumes adquiridos, a seguir será demonstrada como as formas de divertimento foram sendo modificados entre os jovens do antigo povoado, ou seja, antes da emancipação, e em Francisco Santos após seu processo de emancipação.

As formas de divertimentos do antigo povoado eram simples, e se resumiam apenas em reunião nas calçadas das residências ou em suas casas, e ali contavam histórias, tocavam violão, faziam brincadeiras. Outro local de encontro bastante utilizado era em frente a Igreja Católica local, denominado “patamar” da Igreja, e lá a concentração era para conversar, flertar e namorar.

Havia também esporadicamente festas de sanfona à luz de lampião ou de motores à gás porque ainda não havia energia elétrica. Nessas festas as moças e rapazes dançavam.

Tinham ainda os encontros nas farinhadas no período da noite, quando os trabalhos paravam. Lá se reuniam várias pessoas, e dessas reuniões encontrava-se também a juventude, moças e rapazes paqueravam-se e namoravam. Sobre isso, o relato da professora aposentada Rosa Isaura conta melhor sobre as formas de divertimento das moças e rapazes na década de 50:

Era o muito divertido que eu lembro de minha irmã contanto, que eu era pequena, mas era uma época muito assim boa que a gente pensa assim meu deus! E até em meu tempo era muito bom. Agora tem tantas outras

novidades, que a gente fica tão animada com as brincadeiras. Assim elas se reuniam nas calçadas ou nos terreiros contavam histórias, tocavam violão faziam brincadeiras como a do anelão que passava de mão em mão. E depois... Também havia os bailes de sanfona nas casas de famílias a luz de lamparinas ou lampião. Os rapazes costumavam fazer serenatas para as moças, ao som de violão cantavam. E ai tinha também as quadrilhas, durante as festas juninas e havia também na época apresentação de uns dramas que era um teatro muito bonito. E os festejos religiosos da padroeira a juventude se encontravam e as crianças se reunia ali todo mundo no patamar da igreja, na mesa do leilão também assim em frente a igreja antes e depois das novenas, as farinhadas também era mesmo que uma festa para eles porque ali surgia até namoros como diz aquela música “Eu tava na peneira, eu tava peneirando, eu tava na peneira e tava namorando” isso na década de 50 e depois seguiu por muito tempo ainda. Ai tinha tudo isso.⁶

Outra forma de diversão também lembrada pelas depoentes é a serenata, que empolgava, sobretudo as moças da época e eram motivo para vangloriar-se. Ao serem interrogadas as mulheres lembravam com grande entusiasmo das serenatas, em que o rapaz reunia um grupo de amigos e todos tocavam violão e outros instrumentos e cantavam para aquelas moças que eles gostavam, o que na maioria das vezes resultava em um namoro e posterior casamento. Os rapazes que já namoravam também preparavam serenatas para suas namoradas.

Antes era mais os encontros nas calçadas ai tinham essas festinhas nas casas de famílias, mas ai depois passou mais a ter festinhas, sempre teve, mas as serenatas foram tão boas e foi acabando ai tinha as festas mais agitadas, ah e tinham os piqueniques.⁷

Ainda segundo Rosa Isaura estes costumes eram para pobres e ricos. Quem também nos deu informação sobre as formas de divertimentos das moças e rapazes antes da emancipação foi a professora aposentada Rosa dos Santos Rodrigues ela nos relata também sobre as festas de sanfona e dos encontros no patamar da igreja:

Eles dançavam as festas de sanfona em casa de família, eles sentavam mesmo lá de frente ao patamar da igreja as moças passeavam por lá, conversavam por lá, flertavam por lá e muitas vezes resolviam até os seus namoros.⁸

Após o processo de emancipação essas formas de divertimentos foram se modificando e ganhando outras características ao longo dos anos, pois a emigração da

⁶ SANTOS, Rosa Isaura. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, abril/2013.

⁷ SANTOS, Rosa Isaura. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, abril/2013.

⁸ RODRIGUES, Rosa dos Santos. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

população para a zona urbana e o acréscimo de novos locais de encontro ajudou bastante nestas modificações nos encontros entre moças e rapazes.

As festas para a juventude no povoado jenipapeiro eram esporádicas, e o namoro entre os jovens era ingênuos, baseados em flertes nas calçadas e no patamar da igreja. Agora essa forma de relacionar-se dar lugar ao namoro em festas e danças, e nessas danças abraços mais apertados e beijos roubados. Muitas dessas festas aconteciam em grupos escolares ou nas casas das famílias, como uma forma de os pais exercerem certo domínio sobre a atitude dos filhos.

Isso agora estava mudando rapidamente. Os forrós estavam proporcionando oportunidade de ouro para o abraço mais aconchegado, em que se descobriam os contornos e as saliências corporais, a “mão mais atrevida” procurando, enquanto a moça, embora negaceando, ia permitindo e até mesmo incentivando aquela inocente exploração. Assim dai para a conquista ousada foi um pulo. Poucos anos depois aquela aceta de ingenuidade e candidez era coisas do passado era preciso imitar a cidade grande, não lhe ficar atrás de nada. Se possível até desbancá-la (SILVA, 2010, p.140)

Muitas destas festas continuavam a ser realizadas em casas de famílias só que agora ao som da radiola, LP e o namoro já afastado da visão dos pais agora os namorados se encontram nessas festinhas em grupos escolares, praças, posteriormente telhoças e bares e depois nos clubes.

Ai com o passar do tempo as festas continuaram nas casas de famílias, mas ao som de radiola que a gente chamava, era as vitrolas já tinha iluminação elétrica, as serenatas também passaram a ser tocadas em radiolas com o passar do tempo, também as festinhas passaram a ser realizadas nos prédios escolares, dançavam também nos bares e depois passou a ser em telhoças, em clubes, na medida em que foi evoluindo a cidade. E ai os namorados se encontravam mais nas praças, nessas festas.⁹

Aos poucos as festas de bandas maiores na cidade, após a emancipação política, passaram a ser realizadas tradicionalmente duas vezes ao ano, sendo uma em junho e a outra em outubro.

A diferença que houve hoje é que desta década pra cá de 60, quando a cidade passou-se ai as moças começaram a dançar festas de banda que vinham tocar na cidade. Tinham duas festas de banda por ano uma em junho e outra em outubro e também nas noites de leilões elas se produziam e achava que ali já eram o grande divertimento, também elas dançavam ao som da radiola quando existia o LP, naquele tempo, em casas de famílias e também nos prédios públicos que a gente chamava se a tertúlia, e também tinha as noites,

⁹ SANTOS, Rosa Isaura. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**, abril/2013.

também que os rapazes faziam as serenatas pra aquelas moças que eles gostavam. E era tudo muito divertido e muito bom.¹⁰

Como percebemos nos depoimentos acima vimos que muito se modificou nos costumes das moças e rapazes após a autonomia política do município, pois foram surgindo novos meios para a diversão com a energia elétrica as radiolas e também novos espaços de divertimento como prédios escolares, telhoças, clubes, bares contando também ainda com a modificação dos pensamentos da população, sensação de que agora viviam em uma cidade e em nada não poderia ficar a atrás do que acontecia em Picos. Influência também da contra reforma que vinha chegando meio atrasada, mas já fazia parte do pensamento dos Franciscosantenses através de jornais e rádios.

Percebemos várias modificações após a autonomia política do município que principalmente na questão do êxodo rural foram abandonando suas casas na zona rural, suas plantações e criação de animais para viver na zona urbana, através de novas sensações de modernidades mudando os costumes, formas de divertimentos do franciscosantense e trazendo um novo modo de vida para a população.

¹⁰ LIMA, Rosa Maria de Araújo. **Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura**. Francisco Santos, Abril de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Francisco Santos - PI foi emancipado em 24 de dezembro de 1960, e após este fato a cidade passou por algumas transformações tanto na estrutura física e econômica como nos aspectos culturais e de desenvolvimento econômico e social.

As fontes consultadas e os depoimentos de moradores que vivenciaram o referido processo mostraram que enquanto ainda era povoado Jenipapeiro, a vida das pessoas da comunidade se concentrava na zona rural, onde sobreviviam sobretudo da pecuária e agricultura. As formas de diversões baseavam-se em simples encontros ao redor da igreja ou em farinhadas, debulhas de feijão, em simples conversas e até brincadeiras infantis.

Após o processo de emancipação, a população foi deixando de realizar atividades domésticas e cultivo de suas plantações, bem como a zona rural (êxodo rural) para estabelecer-se em calçadas e praças onde as rodas de conversa eram constantes, desfrutando de um “sentimento de liberdade” que agora rodeava a cabeça dos Franciscossantenses. Houve também mudança nas suas formas de divertimento, passando a ser por meio de encontros entre moças e rapazes em festas ao som da radiola ou do sanfoneiro, com a popularização de danças que aproximavam o par, abraços, namoricos e flertes mais ousados que ocorriam principalmente nos prédios escolares e em clubes.

Na estrutura física percebe-se que a cidade passou a ganhar algumas melhorias somente em 1963, com o primeiro prefeito eleito que trouxe a luz a vapor para cidade. Um ganho mínimo, pois essa iluminação era restrita a alguns locais e com horário marcado para ligar e desligar, mas que significou muito para a população. Em mandatos posteriores a cidade ganhou cemitério e dois prédios escolares, bem como energia elétrica com rede de abastecimento – CEPISA -, praças, sede da prefeitura, pavimentação de ruas, abastecimento de água, construção de quadra de esportes, da escola “Cristo Rei” entre outras unidades escolares, açougue, cisternas públicas, posto de saúde, entre outros.

No aspecto econômico a cidade deixa de depender da vida na zona rural com a pecuária e agricultura para viver do setor terciário.

No aspecto cultural vão se transformando alguns costumes de moças e rapazes, como o de ir trabalhar na roça para ficar nas calçadas. Agora a cidade passou a ter duas festividades anuais, baseadas no calendário religioso da igreja católica, sendo uma em julho e outra em outubro. Bailes tocados por sanfonas, vitrolas, forró, etc foram ganhando espaço nos hábitos de lazer.

Durante este trabalho de pesquisa de conclusão de curso sobre a emancipação política do município de Francisco Santos entre 1950 á 1980, nota-se que as características da cidade ganharam algumas modificações. As transformações ocorridas nestes trinta anos que correspondem ao período estudado se resumem a criação de ruas, algumas escolas, açougue, mercado público, cemitério, posto de saúde, praças e sede para prefeitura, além de mudança no sistema de energia e fornecimento de água.

Diante do exposto pode-se perceber também que poderia ter havido mais modificações, já que o período analisado é longo, em que deveria ter havido mais ganhos para a cidade no que se refere ao desenvolvimento por parte da administração pública.

FONTES ORAIS

LIMA, Rosa Maria de Araújo. Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura. Francisco Santos, 13 de Abril de 2013.

MOURA, Antônio Borges de. Depoimento concedido a Fernando José de Lima. Francisco Santos, 05 de Agosto de 2010.

MOURA, Antônio Borges de. Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura. Francisco Santos, 13 de Abril de 2013.

RODRIGUES, Rosa dos Santos. Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura. Francisco Santos, 13 de Abril de 2013

SANTOS, Francisco de José Brás. Depoimento concedido a Fernando José de Lima. Francisco Santos, 05 de Agosto de 2010.

SANTOS, Maria Eremita da Rocha Sales, Depoimento concedido a Fernando José de Lima. Francisco Santos, 05 de Agosto de 2010.

SANTOS, Rosa Isaura. Depoimento concedido a Tamires Maria de Moura. Francisco Santos, 13 de Abril de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, P.R. “**cada um tem um sonho diferente**”: histórias e narrativas de trabalhadores no movimento da luta pela terra. In: ALMEIDA, P.R; KHOURY, Y.A;
- MACIEL, LE.(Org). **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d`Água, 2006. P44-60.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história Oral**.8. Edição, copyright,2006.
- BARROS, José D´Assunção. **Cidade e História**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar, **Todos os dias de Paupéria :Torquato Neto e a invenção do Tropicalismo**. São Paulo: Annablume, 2005.
- DELGADOO, Lucíla de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidade**. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2006.
- DIAS, Cid de Castro. **Piauí- Das origens á nova capital**. 2. Edição. Recife-PE: Nordeste, 1995.
- DOCUMENTÁRIO: **História e origem do município de Francisco Santos**. Produzido pelo ponto de cultura “Artes da terra”. Francisco Santos. 2010.
- LOCKS, Rosilda de Oliveira. **A emancipação política de Cocal do Sul**. Monografia apresentada a diretoria de pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC. Criciúma, novembro de 2005.
- MOURA, Francisco Miguel de. **Areias**. Teresina-PI: Comepi, 1966.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**-vol. Teresina-PI: Halley, 2007.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense,1992.
- SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Projeto História**. São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História- PUC-SP, V.9 N. 19, P. 219-243, set.89/fev.90.
- SANTOS, Rosa Isaura. **Francisco Santos é assim**. 1. Edição. Picos - PI, 2003.
- SILVA NETO, Mariano da. **O Município de Francisco Santos – estudo e memória**. Teresina-PI: Comepi, 1985.
- SILVA, João Bosco da. **JENIPAPEIRO a terra dos espiritados**. Teresina-PI: Halley, 2010.

Sites e blogs:

Disponível em: <<http://www.wikipédia.org>>. Acesso em 22.10.2012.

Disponível em: <<http://www.google.com.br>> . Acesso em 22.10.2012.

Disponível em: <<http://fcosantospi.blogspot.com>>. Acesso em 22.10.2012.

Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca> sumario 100028,00028.